



UMA PUBLICAÇÃO DA ESCOLA DO ESPORTE COM
CORAÇÃO DA NOVA ACRÓPOLE | Nº 6 • ANO 6



JOGOS INTERNACIONAIS DO
VOLUNTARIADO: UM CHAMADO PARA UMA

Paidéia Olímpica

Jogos Píticos

O Espírito dos Jogos
de um dos locais
mais misteriosos da
história: Delfos

A Cerimônia

no esporte, o seu
sentido profundo
e cerimônias para
viver nos Jogos

Filósofo- Mesatenista

Reflexões sobre o
tênis de mesa e a
arte de viver



O que é a Escola do Esporte com Coração?

A **Escola do Esporte com Coração** nasceu como uma iniciativa da **Organização Internacional Nova Acrópole** para recuperar e impulsionar o sentido que o esporte teve no mundo clássico, como uma via de conhecimento e superação de si mesmo, e de convivência saudável com os outros. Dentro da Organização Internacional Nova Acrópole, somos um espaço filosófico-esportivo que busca impulsionar no mundo um projeto de vida sólido que promova o uso adequado do tempo livre e a prática de hábitos saudáveis. Dessa forma, potencializaremos o desenvolvimento físico e mental de nossos alunos, contribuindo para a melhoria integral deles.

O Esporte melhora o futuro!





Termine a corrida sem recuar.

A partir de um instante no tempo e no espaço em que você se lança a uma ação - seja uma prova atlética, uma jornada de busca interior, uma conversa importante ou um conflito a ser resolvido - entregue o seu melhor.

“Termine a corrida sem recuar” é uma máxima que figurava no Oráculo de Delfos, na Grécia Antiga, e que fala de forma profunda sobre a identidade do filósofo-atleta acropolitano. A vida é a grande luta, a grande arena, o estádio real; e, para realizar um bom combate, como ensinou Krishna a Arjuna, precisamos seguir até o fim, sem recuar, cumprindo o nosso dever.

A cada edição da **Revista Nike** aprendemos um pouco mais sobre união e força, virtudes que aparecem facilmente nas modalidades esportivas. Porém, falamos aqui de praticá-las de forma mais completa, no exercício da Visão Profunda a partir das vivências cotidianas.

Uma Nova Paideia Olímpica está surgindo no mundo. O Esporte com Coração representa um Sonho Olímpico revivido por Pierre de Coubertin na Era Moderna, reacendido com vigor pelo filósofo Jorge Ángel Livraga e mantido vivo, com heroísmo, por muitos voluntários ao redor do mundo.

Que, através das breves palavras dos artigos publicados nesta revista, um pouco desse Fogo Olímpico siga sendo difundido entre mais idealistas de nosso mundo, intensificando a esperança de que é possível viver valores reais e profundos mesmo em meio a momentos difíceis.

E que, como verdadeiros Filósofos-Aletas, sejamos aqueles que buscam, acima de tudo, outra grande máxima délfica:

“Conhece-te a ti mesmo!”

Sofia Bittencourt e Luciana Castro

Coordenação Geral



MEMÓRIAS D





RUÍNAS
do Sítio Arqueológico
de Olímpia



FRANCISCO IGLESIAS,
ANA GÁLVEZ, integrante
do Senado Organizativo
Internacional da Nova
Acrópole em visita à



Talvez as colunas quebradas nos saúdem com o silencioso reconhecimento que transcende os milênios em um instante de misteriosa cumplicidade, pois sabem que até o mármore envelhece, mas não o Fogo que devemos custodiar, nem a paixão que nos impulsionou a **correr em direção ao Futuro com a esperança e os Sonhos da Alma intactos.**

Aqui, onde a terra inaugural do movimento glorioso se acende em lembranças, cada batida do coração confirma o impossível. Se alguma vez fomos campeões olímpicos, foi por nossos *paidotribos*. Se alguma vez fomos Guardiões do Fogo, foi por aqueles que nos ensinaram a importância de manter vivos os Sonhos da Alma.

E se alguma vez voltamos, foi porque “algo” em nós escutou o chamado do Destino na voz daqueles que sabem. Todos os seres humanos seguem buscando, até que o Destino nos alcança.

Nunca se extinguirá a chama que um dia nos reuniu em Olímpia e que hoje volta a nos reunir em um Ideal Eterno,

para além dos séculos e do destino!

O ESPORTE, Fonte de

TEXTO ANA GÁLVEZ, INTEGRANTE DO SENADO ORGANIZATIVO INTERNACIONAL DA NOVA ACRÓPOLE E COORDENADORA DA ESCOLA DO ESPORTE NA ESPANHA

Decidi dar este título à palestra porque, para mim, o esporte é uma grande fonte de valores e, como toda fonte, simboliza um manancial de virtudes que é preciso trabalhar e conquistar. Valores como o respeito, a cooperação ou a solidariedade são criados através do contacto e das situações vividas em relação aos outros. Durante a prática desportiva – seja através de um jogo, um treino ou uma competição –, surgem emoções, conflitos, situações a favor e contra... Todas elas nos levam à necessidade de aprender a gerir as nossas atitudes e sentimentos.

O esporte ajuda a canalizar toda essa mistura de emoções de forma positiva e a direcioná-las para o crescimento e amadurecimento pessoal. Além disso, favorece que todos esses valores que normalmente encontramos no desporto, como a responsabilidade, o compromisso, a solidariedade, o respeito e a inclusão e aceitação dos outros, passem a fazer parte da nossa personalidade.

Como diria Aristóteles na sua *Ética a Nicómaco*, viver humanamente exige que nos proponhamos uma meta final, um objetivo, um fim, um tólos. De uma forma muito semelhante à do arqueiro que aponta para o alvo para acertar, devemos propor-nos um fim para assim orientar a nossa conduta. Isto significa que a nossa vida implica um esforço permanente, algo semelhante a uma disciplina nobre. Tólos também é cumprimento, plenitude.

Aristóteles pensa que o telos do ser humano é encontrar a felicidade e que ela pode ser alcançada de diferentes maneiras, embora para viver feliz seja necessário viver uma vida de virtude, pois, caso contrário, não se viveria realmente uma vida de felicidade e com um sentido moral certo.

E esta deve ser a nossa filosofia de vida.

Desde as suas origens, a filosofia tem tentado revelar o caminho da boa vida, ajuda-nos a compreender o mundo em que vivemos, a tomar decisões corretas, responsáveis e livres, a envolver-nos em favor de uma sociedade mais justa e mais humana. A filosofia convida-nos a melhorar a nossa existência.





A Perseverança

Saber repetir sem se repetir, saber encontrar variações crescentes na aparente igualdade das repetições. A palavra perseverança vem do latim *perseverantia* (insistência), do verbo *perseverare* (manter-se inflexível em algo, continuar em algo), mostrar firmeza na manutenção de uma ação, atitude ou opinião. A perseverança alimenta-se de repetições. É como um motor imparável e incansável que nos permite voltar às mesmas coisas, insistindo para obter dia após dia uma maior qualidade em tudo. A perseverança é insistente, não por obstinação. Insistir é saber encontrar o segredo de uma escada, cujos degraus podem parecer todos iguais, mas que, no entanto, não estão à mesma altura. Insistir com inteligência é, portanto, ganhar altura.

O Compromisso

O compromisso com o treino, com a competição e consigo mesmo. Um ser humano comprometido com a vida e com um ideal. Para mim, o compromisso é uma característica da maturidade. Quem não quer comprometer-se está a brincar com a vida: hoje faço uma coisa, amanhã outra; hoje interesso-me por umas pessoas, amanhã por outras; hoje sigo um caminho, amanhã sigo outro. Isso é brincar.

Um compromisso é um sinal de maturidade, e um discípulo é um filósofo maduro. Não importa se tem 15 ou 60 anos, as características da maturidade manifestam-se às vezes em idades muito precoces e às vezes aparecem em idades mais tardias, o importante é que apareçam.

Por que o compromisso é um traço de maturidade? Eu me comprometo e, quando o faço, pergunto-me: qual é a primeira coisa que tenho de fazer? Instruir-me. Com o que vou comprometer-me? Preciso de saber quais são os meus sonhos e objetivos de vida.

A Humildade

Segundo a RAE, é «a virtude que consiste em conhecer as próprias limitações e fraquezas e agir de acordo com esse conhecimento». É preciso saber reconhecer quando fazemos algo errado e alegrar-nos quando sabemos que fizemos algo certo, especialmente por alguém. Fazemos coisas das quais depois nos arrependemos. Sabemos que foi errado, que devíamos pedir desculpa por isso, mas, em vez disso, não o fazemos, porque somos orgulhosos e nada humildes. A humildade é necessária para a aquisição de outras virtudes, porque nos torna conscientes das nossas imperfeições e leva-nos a tentar ser uma pessoa melhor, a superar-nos, sempre sem afetar o outro, porque então não estaremos a fazer bem.





O Esforço

Em qualquer esporte, o esforço e o sacrifício são fundamentais para progredir e ser cada vez melhores. Na vida, tal como no desporto, para alcançar os nossos objetivos, temos de pagar um preço. Se não ensinarmos esta lição às novas gerações, estaremos a criar seres conformistas, sem qualquer ambição de conquistar o mundo.

O esporte oferece-nos um espaço de superação pessoal. São estabelecidos desafios diários em cada um dos treinos que permitem gerar uma sensação de controle e melhoria na prática, mostrando-nos como seres competentes, com habilidades e vontade de superação.

Vida saudável

Praticar esportes regularmente faz-nos levar uma vida mais saudável e equilibrada. Quando realizamos uma atividade física, ocorre uma liberação maciça de substâncias químicas no nosso cérebro (dopamina, noradrenalina, endorfinas), produzindo uma sensação de bem-estar, redução do stress e da ansiedade, melhoria da autoestima e da memória.

A saúde equivale a um estado de harmonia, de equilíbrio, e só podem tê-la e mantê-la aqueles que compreendem e são receptivos ao equilíbrio e à harmonia. É por isso que são fundamentais os estados de consciência saudáveis, tanto psicológicos como mentais, sem mencionar os espirituais. Todos eles, aparentemente além do corpo físico, devem ser desenvolvidos dentro do seu próprio plano. Deste ponto de vista, não há pior doença do que a ausência de moral e espiritualidade. Não é uma questão religiosa, mas de justiça interior, de um acordo moral consigo mesmo, de uma espiritualidade como concordância com o Universo inteiro.

A Empatia

Ser capaz de se colocar no lugar do adversário e sentir como ele se sente quando é você quem ganha, aprendendo assim a relativizar o sucesso, pois a vitória em qualquer desporto é efêmera e, mais cedo ou mais tarde, será você quem perderá.

Areté

Para Platão, o ser humano podia alcançar a areté (ἀρετή areté), ou seja, a mais elevada expressão da consciência ética.



O CAMINHO DO

Filósofo- Mesatenista

TEXTO CRISTIANO ROCHA BORN, PROFESSOR VOLUNTÁRIO DA ESCOLA DO ESPORTE
COM CORAÇÃO DA NOVA ACRÓPOLE DO BRASIL



ATLETAS
ACROPOLITANOS
disputando uma partida
de tênis de mesa

A raquete como extensão da vontade

À primeira vista, raquete e jogador são dois. A raquete parece um objeto estranho na mão, leve demais, sem história. Com o tempo, porém, algo muda: o cabo começa a se encaixar naturalmente na palma, o peso deixa de incomodar, os movimentos tornam-se mais fluidos. Trocar de raquete requer uma adaptação que nem sempre é simples.

A raquete vai deixando de ser “um objeto” e passa a ser uma extensão da própria vontade. Não é mais só madeira e borracha: é o braço que se prolonga, é a decisão que se torna gesto.

No tênis de mesa, aprendemos que:

- Segurar a raquete com força demais endurece o movimento.
- Segurá-la frouxa demais tira a precisão.

Da mesma forma, na vida, ou nos endurecemos em excesso – tentando controlar tudo – ou nos deixamos levar por uma frouxidão interna que não sustenta nada. O mesatenista aprende, na prática, a tensão justa: firmeza com flexibilidade. A flexibilidade, a sensibilidade e a sutileza são sintomas da força interior. O tênis de mesa, assim como o tênis, não é um esporte para brutos.

As duas faces da raquete – geralmente de cores diferentes – lembram também nossos dois polos interiores: ação e receptividade, ataque e defesa, impulso e prudência. Saber quando usar cada face, metaforicamente, é aprender a alternar entre falar e ouvir, avançar e recuar, em harmonia com a situação.

O saque: a arte de iniciar

O saque é um momento muito especial. É o mais importante do jogo. É quando o jogador tem, por alguns segundos, a iniciativa quase completa: ele decide o tipo de bola, o efeito, a direção. É o instante simbólico do começo consciente. O poder dos inícios, simbolizado em Roma pela divindade Jano (Janus). Como iniciamos uma conversa difícil, um projeto de vida, um novo hábito? De qualquer jeito, ou com

intenção clara e consciência da finalidade?

Um bom saque não é só uma técnica para ganhar vantagem. Ele é um exercício de:

- Visualizar o ponto antes que ele aconteça.
- Assumir responsabilidade pelo primeiro passo.
- Acolher o risco de colocar a bola em jogo, sem garantias do resultado.

Na vida, muitos pontos se perdem porque sequer temos a coragem de “sacar”: dar o primeiro passo, dizer a primeira palavra, fazer o primeiro movimento. O mesatenista aprende, saque após saque, a vencer o medo do início.

A troca de bolas: diálogo e presença

Uma vez que a bola está em jogo, tudo muda de ritmo. Já não se trata de “eu” sozinho; trata-se de um diálogo. Será que Sócrates gostaria de jogar tênis de mesa? Eu acho que sim!

Cada devolução é uma resposta. Cada variação de efeito é uma nuance de linguagem. Cada winner, um gesto de ousadia.

Nesses ralis mais longos, o jogador é convidado a:

- Estar plenamente presente. No Centro.
- Sentir o tempo certo, nem apressado nem tardio.
- Perceber, com o corpo, o que o outro está fazendo: como está batendo, quais são suas variações, que efeito está aplicando.

Quando há verdadeira atenção, o ponto se torna quase uma dança: um vai e vem em que dois seres humanos compartilham alguns segundos de máxima intensidade e foco. E então... termina. O ponto acaba. E começa outro. Esquecer o erro é indispensável. Não fantasiar no acerto, também. A vida já lhe apresentou outra oportunidade de redenção logo no próximo ponto. Roger Federer, em seu discurso de formatura

na Universidade de Dartmouth em 2024, revelou ter vencido apenas 54% dos pontos disputados em sua carreira profissional, enfatizando que a perfeição é inatingível e que o sucesso reside na consistência e na capacidade de seguir em frente após as falhas.

Ele destacou que a vitória vem da disciplina, paciência e resiliência - não da ausência de erros. No tênis de mesa - como na existência - não há perfeição contínua. A bola sai por pouco, prende na rede, quica na borda. O erro acontece.

É nesse instante que o treinamento filosófico se revela:

- Vamos nos afundar na reclamação e no vitimismo?
- Vamos culpar a mesa, a luz, a bola, o outro?
- Ou vamos respirar, aprender e seguir para o próximo ponto?

O filósofo-mesatenista aprende o desapego ativo: celebrar os acertos sem soberba, acolher os erros sem se destruir por dentro.

Ele descobre que o verdadeiro placar não está apenas no painel de pontos, mas no que se acumula silenciosamente dentro de si: paciência, serenidade, autoconhecimento, domínio de si.



A ASCENSÃO DO TÊNIS DE MESA E OS Jogos do 🌿 Voluntariado DA NOVA ACRÓPOLE ISRAEL

TEXTO ITAMAR BEN ARI, COORDENADOR DA ESCOLA DO ESPORTE EM ISRAEL

Após participarem das Pré-Temporadas Filosófico-Esportivas na Grécia (agosto de 2024), vários membros voltaram a Israel com inspiração renovada, ansiosos por unir o amor pelo desporto e pela filosofia através da arte do ténis de mesa. O que começou apenas como uma ideia logo ganhou vida na prática. Em duas filiais diferentes, pequenos grupos começaram a reunir-se uma vez por semana, com raquetes nas mãos e corações cheios de entusiasmo. Gradualmente, esses círculos

creceram, espalhando a sua energia e alegria para outras filiais. Os treinadores começaram a colaborar, partilhando ideias, métodos e abordagens criativas para ajudar filósofos de todas as idades e níveis de habilidade a descobrir a disciplina e o equilíbrio que o desporto pode trazer.

Este impulso culminou em julho de 2025, quando um torneio local de ténis de mesa em Telavive reuniu 18 atletas de quatro filiais numa competição amigável, mas animada. O evento serviu tanto como celebração como preparação

O Esporte e a Alegoria da Caverna

TEXTO TANIA KOSIANCHUK, COORDENADORA DA ESCOLA DO ESPORTE DA NOVA ACRÓPOLE NA UCRÂNIA



REPRESENTAÇÃO DA CAVERNA DE PLATÃO | Jan Saenredam, 1604

Uivemos em um tempo de guerra, no qual muitas pessoas sentem uma espécie de pausa interior — como se a vida tivesse sido colocada em um ‘modo de espera’. A alegria é adiada “para depois da vitória”, e o viver é empurrado “para algum momento futuro”. Essa pausa acaba se transformando em um estado de imobilidade que facilmente pode ser aceito como normal.

No mito da caverna de Platão, as pessoas permanecem acorrentadas, voltadas para uma parede, vendo apenas sombras. Elas não conseguem se virar — não apenas

fisicamente, mas também interiormente. Platão chama a saída da caverna de uma “virada da alma”: um movimento que exige esforço e sacrifício.

E, embora a alegoria fale de iluminação espiritual, a própria lógica da libertação nos lembra de algo simples: a imobilidade é superada por meio da ação.

Nesse sentido, o esporte é uma prática educativa. Para romper as “correntes”, é necessária força. Mas a força não está apenas nos músculos. Ela está na disposição de enfrentar o medo, de se levantar, de dar o primeiro passo.





Primeiros Jogos do Voluntariado

NA REPÚBLICA TCHECA

TEXTO ALEŠ GABRIEL, INTEGRANTE DO SENADO ORGANIZATIVO INTERNACIONAL DA NOVA ACRÓPOLE E COORDENADOR DA ESCOLA DO ESPORTE NA REPÚBLICA TCHECA

Nos dias 23 e 24 de agosto de 2025, realizou-se em Horní Světlá os primeiros Jogos do Voluntariado da República Tcheca. Trinta atletas, vindos de seis cidades, participaram do evento.

Os Jogos tiveram início com uma cerimônia de abertura. Nela, sacerdotisas levaram a chama olímpica, que simbolicamente purificou os espaços esportivos. Representantes dos atletas e dos juízes fizeram o juramento de competir de forma justa e de julgar com verdade e imparcialidade.





Arte

Intelecto

Atividade Física

Moral

Filosofia

Estética

Vida Comunitária

Paidéia Olímpica

seus valores podem ser promovidos na prática. A Educação Olímpica surge justamente como esse esforço de traduzir princípios éticos em vivências formativas.

Desse modo, a proposição de uma nova Paidéia — ou Paidéia Olímpica — implica compreender que a formação humana exige articulação entre cultura, prática esportiva, estética e ética. Trata-se de um projeto educativo que reconhece a complexidade do mundo contemporâneo, mas aposta na possibilidade de cultivar valores universais por meio de experiências significativas.

Uma nova Paidéia: prudência, audácia e compromisso social

Pensar uma nova Paidéia no século XXI exige considerar a responsabilidade ética da educação. Qualquer proposta formativa precisa saber equilibrar prudência e audácia: prudência para reconhecer limites e desafios sociais; audácia para propor caminhos transformadores. A Educação Olímpica, ao integrar esporte, cultura e valores, oferece uma possibilidade concreta de repensar práticas pedagógicas que cultivem dignidade humana, convivência justa e respeito às diferenças.

Essa nova Paidéia pressupõe compromisso do indivíduo com seu processo formativo, orientado para valores sociais amplos e para o desenvolvimento de competências cognitivas, morais e estéticas. Assim como na tradição grega, a formação integral não se restringe ao domínio técnico, mas abrange atitudes, sensibilidade, consciência cultural e responsabilidade ética.

O Olimpismo, reinterpretado como matriz pedagógica, pode contribuir significativamente para esse horizonte, fortalecendo práticas educativas que valorizem a diversidade cultural, a cooperação e a busca pela excelência humana em sentido amplo.

Os Jogos Internacionais do Voluntariado, uma Paidéia Olímpica

Os Jogos Internacionais do Voluntariado, promovidos pela Escola do Esporte com Coração de Nova Acrópole, constituem uma expressão contemporânea da unidade entre esporte, cultura e filosofia. Suas atividades buscam resgatar o sentido original das práticas atléticas como caminho de aperfeiçoamento humano, mais próximo da Paidéia grega do que de competições orientadas exclusivamente pelo rendimento. Nessa perspectiva, os participantes são convidados a viver o esporte como experiência de superação, harmonia e convivência, renovando valores que se alinham tanto ao Olimpismo quanto à tradição clássica da formação integral.

Nesse contexto, destaca-se a reflexão de Francisco Iglesias, para quem o esporte, quando orientado filosoficamente, transforma-se em um exercício permanente de presença, disciplina e autoconhecimento — uma via pela qual o indivíduo aprende a dominar a si mesmo,



ENTRE A Terra e



A CELEBRAÇÃO DO ESPÍRITO
OLÍMPICO NOS **XXX JOGOS
NACIONAIS DO VOLUNTARIADO
DO BRASIL-ÁREA SUL**



"Oh Esporte, essência da vida; tu surgiste de repente no meio da clareira cinzenta, onde se agita o labor ingrato da existência moderna; como mensageiro radiante dos tempos esquecidos; daqueles tempos em que a humanidade ainda sorria. E sobre os cumes das montanhas, uma luz de aurora pousou, raios de luz salpicaram o solo das florestas sombrias..."

- Pierre de Coubertin



AULA
nos XXX Jogos Nacionais do
Voluntariado do Brasil-Sul

um todo, representando a luta interna de todo verdadeiro atleta para fazer prevalecer sua areté — expressando a força, o Bom e o Belo que residem em seu interior.

Mergulhamos também nas raízes filosóficas, recordando que o esporte atende a uma necessidade ancestral: o desejo intrínseco pelo lúdico. Buscamos aprender a jogar o "jogo da vida" com a naturalidade ensinada pelos Deuses nos mitos de fundação dos Jogos.

À noite, sob um céu estrelado, nos reunimos uma vez mais ao redor do fogo. Ali, antigas histórias ganharam voz em novos lábios, ressoando verdades atemporais que fazem a alma vibrar e elevar-se, desejosa de tocar as ideias arquetípicas que dão sentido à existência.

Foi tocante assistir à encenação da lenda de Diágoras de Rodes, o campeão olímpico que tocou a glória eterna e alcançou o rastro de Niké, tornando-se digno do Olimpo celeste.

Na aurora seguinte, iniciou-se a Cerimônia de Abertura. As baixas temperaturas da serra paulista foram, pouco a pouco, atenuadas pelo calor emanado pela chama olímpica — um fogo que se intensificava no coração de cada atleta a cada prova superada. Cada gota de suor derramado, fruto de um esforço contínuo para vencer

a si mesmo e oferecer o seu melhor, celebrou a alegria da perseverança e do autêntico espírito olímpico que contagiou a todos nesta grande festa.

Tivemos ainda a honra de receber ensinamentos valiosos: uma aula ministrada pela Diretora Nacional, Prof.^a Luzia Helena, e, no turno da tarde, com o Diretor Internacional da Escola do Esporte com Coração, Prof. Francisco Iglesias.

A noite trouxe outro momento de grande sentimento: a comemoração dos 68 anos da Nova Acrópole no mundo. Recordamos a trajetória da construção deste Ideal de Sabedoria e reafirmamos nosso compromisso de seguir levando a chama da filosofia para a construção de um mundo melhor.

Agradecemos profundamente ao primeiro acropolitano, nosso fundador, Prof.^o Jorge Ángel Livraga, por ter aberto o caminho para o resgate da tradição filosófica e do verdadeiro espírito esportivo, atualizando-o para o nosso tempo. Celebramos também a nomeação de dois novos integrantes do Senado Organizativo Nacional, que passam a colaborar com a Escola do Esporte, custodiando essa chama com entusiasmo e amor: Ariela Rezende e Gustavo Subkowiak.

A Cerimônia

NO ESPORTE

TEXTO JOSÉ MANUEL ROSELLÓ, INTEGRANTE DO SENADO ORGANIZATIVO INTERNACIONAL DA NOVA ACRÓPOLE



SACERDOTISAS REALIZAM A ENTRADA DO FOGO OLÍMPICO dos Jogos Interestaduais do Voluntariado no Rio Grande do Sul, 2026

Em planos de existência invisíveis para nós, existem forças que governam o Universo. São forças dotadas de uma inteligência que ultrapassa a nossa compreensão. Nós percebemos alguns efeitos e dizemos que existe uma ordem em tudo, que existem leis que conduzem harmoniosamente todo o Cosmos; mas não apenas no mundo da matéria física, mas também no mundo das emoções e dos pensamentos.

Essas forças divinamente inteligentes sempre foram consideradas entidades vivas que marcam o destino do ser humano, assim como marcam o dos animais, das plantas, dos planetas... de tudo o que existe. E, portanto, é

como um caminho a seguir.

Para o ser humano, conhecer a sua existência significou ter algo como faróis no meio da escuridão da ignorância. Essas luzes que podem nos guiar na vida, que são referências de comportamento, chamamos de Arquétipos, Ideais; mesmo na antiguidade, demos-lhes nomes: Apolo (a Unidade), Dionísio (o Entusiasmo), Zeus (o Poder), Afrodite (o Amor), Atena (a Sabedoria)...

Entrar em contacto com essas Forças significa harmonizar-nos com a Natureza, elevar-nos acima da nossa mediocridade.

Num texto da Prof.^a Delia S. Guzmán, encontramos o seguinte:

“As cerimônias não são apenas aquelas que são sagradas e que se realizam diante do Invisível, mas, no cotidiano, devemos aprender a fazer uma cerimônia em termos de equilíbrio, unidade, ordem, beleza... de tudo. No trabalho, nos estudos, no desporto. Na maneira de se vestir harmoniosamente, na higiene, na maneira de beber, de comer, na aparência, na maneira de olhar, na maneira de andar. E conseguir que o nosso ambiente, em geral, seja harmonioso, viver num ambiente harmonioso.”



Apolo
A UNIDADE

CÓPIA ROMANA DO APOLO
DE CIRENE | 212 d.C.



Dionísio
O ENTUSIASMO

ESTÁTUA ROMANA DE
DIONISIO | séc. 2 d.C.





Pierre de Coubertin e as cerimônias

No Ideário Olímpico de Pierre de Coubertin há uma pequena seção sobre As Cerimônias:

“O capítulo das cerimônias é, como se pode compreender, um dos mais importantes no que se refere ao regulamento. É sobretudo por elas que as Olimpíadas se distinguirão de uma simples série de campeonatos mundiais.

Se consultarmos a História, vemos que, durante os Jogos, o antigo Altis era percorrido. Atletas, espectadores e funcionários ofereciam sacrifícios às divindades simbólicas, cujas imagens e altares se encontravam no recinto sagrado.

A experiência da antiguidade pode ser-nos útil. Os «sacrifícios» cuja memória acabámos de evocar eram fórmulas que cobriam a expressão de um duplo sentimento de ordem elevada. As reuniões de Olímpia seriam ao mesmo tempo uma memória do passado e um ato de fé no futuro. Eis o que também convém fazer nas Olimpíadas que ressuscitaram. O seu papel e o seu destino é unir no tempo presente o que foi e o que será.”

O prof. Jorge A. Livraga nos primeiros Jogos do Voluntariado

O Prof. Livraga, na cerimônia de abertura dos primeiros Jogos do Voluntariado, disse:

Quero lembrar-vos que as Olimpíadas não eram simples apresentações ginásticas na antiguidade, mas sim eventos religiosos e até mesmo psicopompos; os jogos e as corridas eram muitas vezes utilizados após a morte dos reis, para vitalizá-los. Era necessário revitalizar o mundo, era necessário correr, mover os braços, alcançar determinados objetivos.





OLIMPIONIDA recebe o Fogo para volta Olímpica na abertura dos Jogos Interestaduais do Voluntariado no Rio Grande do Sul, 2026

Cerimônia de entrega de prêmios

Recolhemos de um artigo do Prof. Livraga:

" O sol e a juventude (Apolo e Hebe) correm nas veias dos desportistas quando sobem ao pódio dos vencedores; os aplausos são como grandes ondas de matéria astral que se liberta diante deles e as suas cabeças aparecem altivas e nimbadas de alegria jovial. Nesse momento, ninguém está sozinho."

Cerimônia de reforço da unidade da equipe

Trata-se de criar ou reforçar a alma da equipa. São todos aqueles rituais que são um apelo à presença de algo que nos supera como pessoas individuais e que nos faz sentir parte de algo maior. (como um músico numa orquestra, uma pedra numa catedral, uma gota de água no mar...)

As experiências de unificação, de busca da unidade, são as que nos impulsionam com mais força no nosso caminho evolutivo. São elas que nos levam a harmonizar-nos com os outros, apesar das nossas diferenças.

Na nossa Escola de Desporto de Nova Acrópole, é

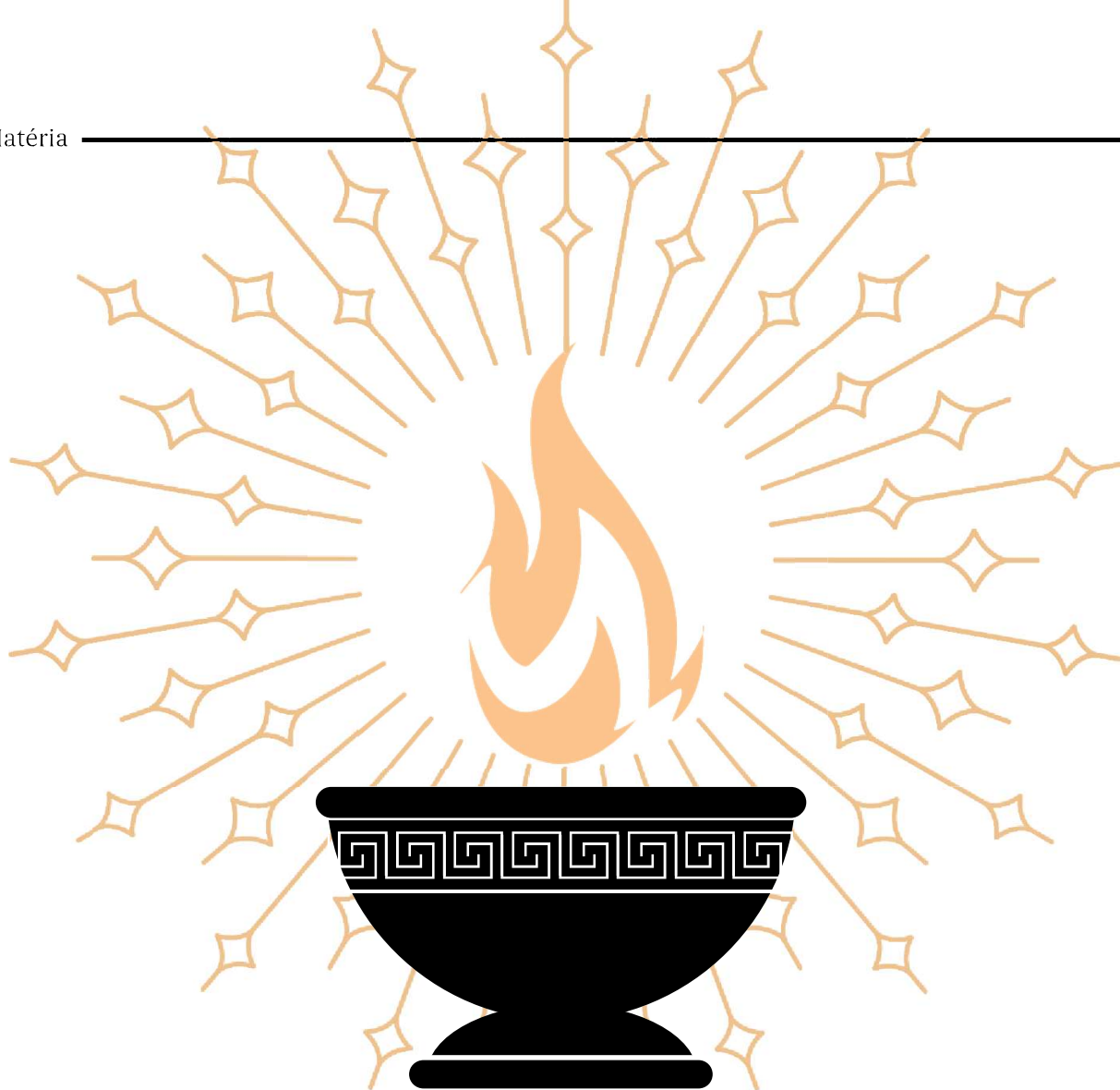
fundamental que, em qualquer atividade, busquemos essa unificação com os outros, que se traduz em cortesia, convívio e fraternidade.

Cerimônia de reconhecimento do adversário

O reconhecimento do que o adversário representa requer uma atitude cerimonial. Tenho que sair do meu próprio egoísmo de querer vencer a todo o custo. O reconhecimento do adversário significa que vejo nele aquele que me vai ajudar a tirar o máximo de mim. Ele, com o seu esforço para vencer, vai ajudar-me a superar-me. Por isso, ao terminar a prova, deve haver um agradecimento mútuo.

Cerimônia de purificação das pistas

É um reconhecimento das pistas ou do campo de jogo como um lugar especial, porque queremos acolher forças invisíveis, Ideais, arquétipos. Por isso, enobrecemos, purificamos o lugar com o fogo, símbolo do que há de mais elevado no ser humano e que, segundo a tradição, foi dado pelos deuses.



O sentido profundo das Cerimônias

Continuando com um texto do Prof. Livraga:

"Mas nós mantivemos o sentido das cerimônias e sabemos que as posições, as bandeiras, as saudações, as vozes unificadas atraem a força que emana de seus próprios Arquétipos, que, em um plano de vibração diferente, estão desde o início dos tempos.

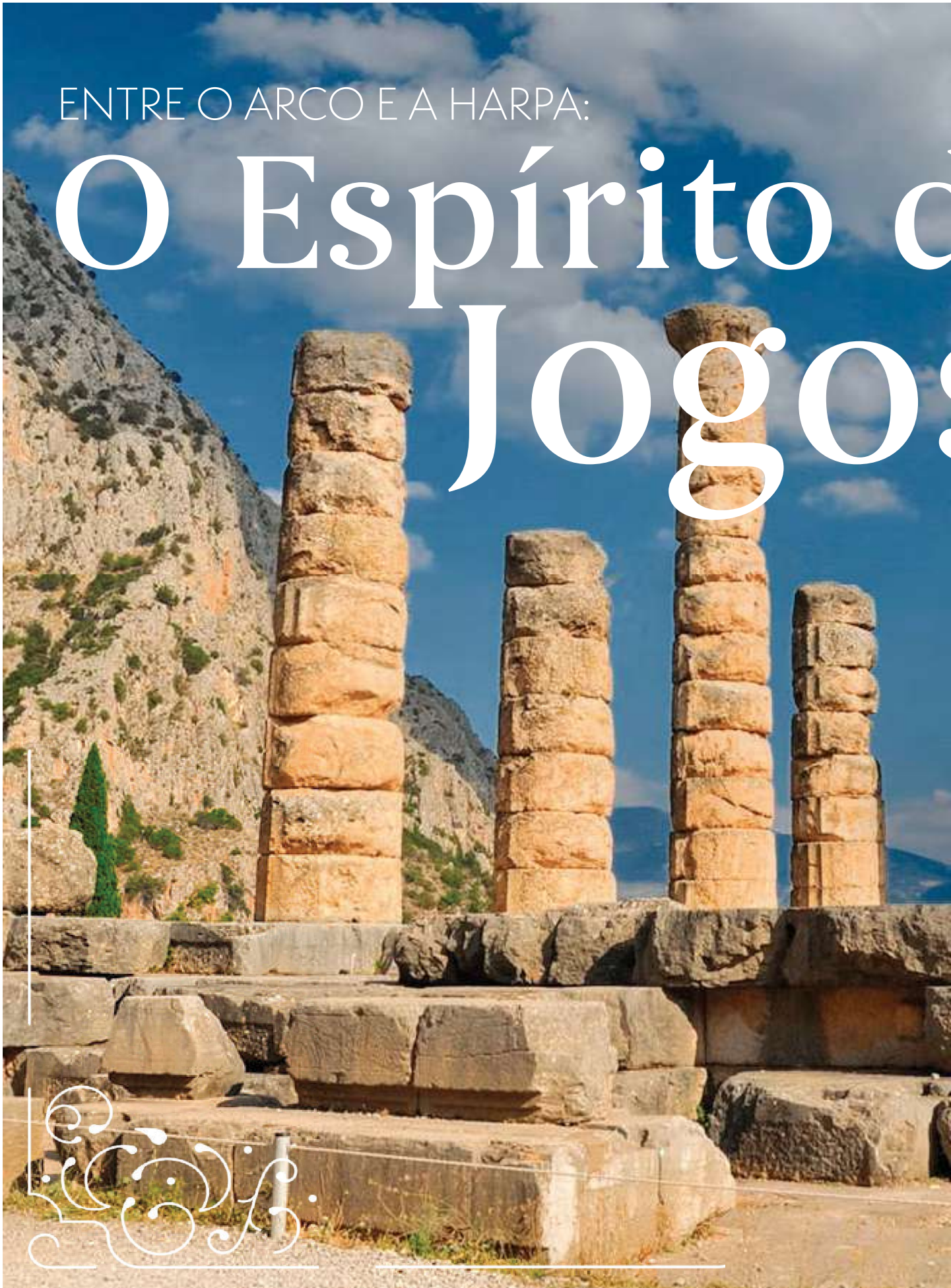
O caos cessou... cada um ocupa um lugar predeterminado com orgulho e firmeza... a mente tagarela cala-se e, de muito acima, desce-nos algo que se assemelha à graça dos deuses."

“ O incenso e a mirra, as folhas de louro ou de oliveira queimadas, trazem-nos memórias estranhas e indecifráveis... É como se muitas vezes tivéssemos participado em algo semelhante... A eternidade faz-se sentir...”



ENTRE O ARCO E A HARPA:

O Espírito do Jogos





APOLO E URÂNIA | Charles Meynier, 1798

Neste local misterioso ocorreram jogos semelhantes aos Olímpicos em magnitude e beleza: os Jogos Píticos. Píticos, pois Apolo, na tradição, havia derrotado ali a serpente Píton e precisava se “purgar” da mácula de ter matado outro ser, e então criou os Jogos Píticos, já denotando uma energia de purificação e redenção relacionada à estes Jogos.

Os Jogos Píticos, juntamente com os demais Jogos Pan-Helênicos, foram fundamentais para a construção da civilização grega e, portanto, do que conhecemos hoje como civilização ocidental.

O Retorno de Apolo

Em 1893, enquanto Pierre de Coubertin elaborava seus planos para o renascimento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, o primeiro Hino a Apolo havia sido recém descoberto por Théodore Reinach, um arqueólogo que escavava Delfos. Coubertin preparou para apresentação um arranjo da letra feito por Gabriel Fauré, que foi concluído a tempo para o famoso encontro em Paris no qual iria lançar a ideia dos Jogos Olímpicos.

Na abertura do encontro da Sorbonne, em 16 de junho de 1894, pouco depois das quatro horas da tarde,

doze coralistas e a solista Madame Jeanne Remacle interpretaram o Hino de Fauré.

Diz Coubertin sobre este momento:

“A execução desta peça sacra criou a atmosfera desejada entre a enorme plateia. Uma sutil sensação de emoção se espalhou pelo auditório como se a antiga euritmia estivesse vindo de um passado distante. Dessa forma, o helenismo permeou todo o salão. A partir desse momento, o congresso estava destinado a ser um sucesso.”

E assim se lançaram novamente na Humanidade os Jogos Sagrados.

O Esporte Atual e a Necessidade de Símbolos

Nos dias atuais os seres humanos buscam o esporte como fonte de preenchimento de certo vazio existencial. Assim, muitas vezes, esse esporte vem banhado por um certo materialismo de nossos tempo. Portanto, precisamos resgatar o sentido profundo dos símbolos e

Filosofia da História e o Esporte

Por meio de um estudo atento do passado histórico da Humanidade e considerando o caráter cíclico da História, estudar os Jogos Pítricos é aproximar-se, de alguma forma, do que será o esporte do futuro. Esse esporte da Humanidade que virá, que não terá mais tanto apego o corpo, mas sim uma ânsia de sentido profundo em todas as coisas, inclusive no esporte.

Para ler na História e construí-la há que encontrar em si mesmo esse eixo interior, esse suporte da alma, onde ela se encaixa e consegue deixar fluir as flechas do destino. Se dermos um bom suporte a essas flechas de fogo, elas atingirão seus alvos, movidas pelas mãos do grande Arqueiro celeste: Apolo, o pai da Harmonia, o Mestre benevolente que age através de nós em busca da Harmonia do Universo.

Para tanto, precisamos nos mover em direção ao passado, buscar força nas antigas tradições, inspirar-nos em seus acertos, aperfeiçoar seus equívocos e oferecer um eixo, um suporte, para que as mesmas ideias possam renascer em novas roupagens. A forma muda, mas a essência permanece. As novas formas precisam surgir para dar nascimento às mesmas ideias que, neste tempo, conduzirão os homens ao seu horizonte, ao seu alvo evolutivo.

Como captar esse espírito sutil? Como captar o sentido profundo do esporte que buscamos construir? Como ouvir a voz do silêncio e usar o esporte como ferramenta para avançar na sala da Instrução, como nos ensinou Helena Blavatsky, com sua sabedoria do antigo Tibet?

Uma das formas mais seguras é conectar-se aos símbolos e mitos que moveram as grandes civilizações. Portanto, que falem as Musas da História, que Clío ressurgja e sobre aos nossos ouvidos a inspiração para compreender e recordar.

Para isso, vamos compreender um pouco da casa do tutor das Musas, Apolo, em seu Santuário. O que foi Delfos e o Templo de Apolo?

O Santuário de Delfos: A Casa dos Símbolos

Alguns povos antigos denominavam suas cidades sagradas com esse nome — “umbigo do mundo” — como Machu Picchu, Tiahuanaco e Tibet, denotando um antigo conhecimento difundido em outros momentos da Humanidade: o de que existiam pontos de conexão entre o céu luminoso e a Terra dos homens, como órgãos sutis onde fluem determinados tipos de energia, afetando de forma específica diferentes planos da consciência.

Assim foi Delfos, onde ocorreram os Jogos Pítricos. Segundo o mito, Zeus soltou duas águias em sentidos contrários para delimitar o centro do mundo. Quando essas águias se encontraram, deixaram cair uma pedra sagrada, entalhada com mensagens secretas e o nome oculto do local. Essa pedra cravou-se ao pé do monte Parnaso, e esse local foi Delfos.

Conta-se que, desde os primórdios de sua existência, havia ali um oráculo dedicado primeiramente a Geia e, depois à Apolo, quando este, à partir do estabelecimento da primeira grande civilização de Creta, simbolicamente sai da ilha de Delos, migra para Delfos e mata a serpente Píton, estabelecendo-se como regente do novo templo. As sacerdotisas oraculares passam então a se chamar Pitonisas, pois profetizam sobre um tripode coberto com a pele da serpente Píton (símbolo da mudança de forças e de povos).

Na época clássica, Delfos ganhou grande notoriedade pela exatidão de seu Oráculo, e reis de todo o mundo o consultaram, enfrentando grandes distâncias e dificuldades.



Alguns dos grandes conhecimentos da civilização da época foram registrados no Templo de Apolo:

As Máximas de Delfos

As Máximas de Delfos foram um conjunto de frases gravadas no Templo de Apolo, em Delfos, e traziam uma série de ensinamentos morais. A mais famosa delas diz: “Homem, conhece-te a ti mesmo...”. Entretanto, havia muitas outras - fala-se que em torno de 142. Citamos algumas à seguir.

Nada em excesso

Μηδὲν ἄγαν

Apegue-se à disciplina

Παιδείας ἀντέχου

Controle a si mesmo

Ἄρχε σεαυτοῦ

Esforce-se com glória

Πόνει μετ’ εὐκλείας

Consulte os sábios

Σοφοῖς χρῶ

Pratique o que é justo

Πράττε δίκαια

Busque a harmonia

Ὁμόνοιαν δίωκε

Viva junto mansamente

Ὁμίλει πραῶς

Tenha respeito por seus pais

Γονεῖς αἰδοῦ

Diga quando sabe

Λέγε εἰδώς

Esteja prevenido

Φυλακῆ πρόσεχε

Seja você mesmo

Σαυτὸν ἴσθι

Controle a raiva

Θυμοῦ κράτει

Conheça sua oportunidade

Καιρὸν γνῶθι

Anseie por sabedoria

Σοφίαν ζήλου

Termine uma corrida sem recuar

Πέρασ ἐπιτέλει μὴ ἀποδειλιῶν

Cada uma dessas máximas serve como inspiração para os seres humanos de ontem, de hoje e de amanhã. São frases atemporais, fáceis de guardar, mas que exigem reflexão e prática. Seguem como fontes de sabedoria e retidão moral para os filósofos-atletas que buscam através do esporte serem pessoas melhores e construam um mundo melhor.

Como construir um mundo melhor sem a força dos Mitos e Símbolos?

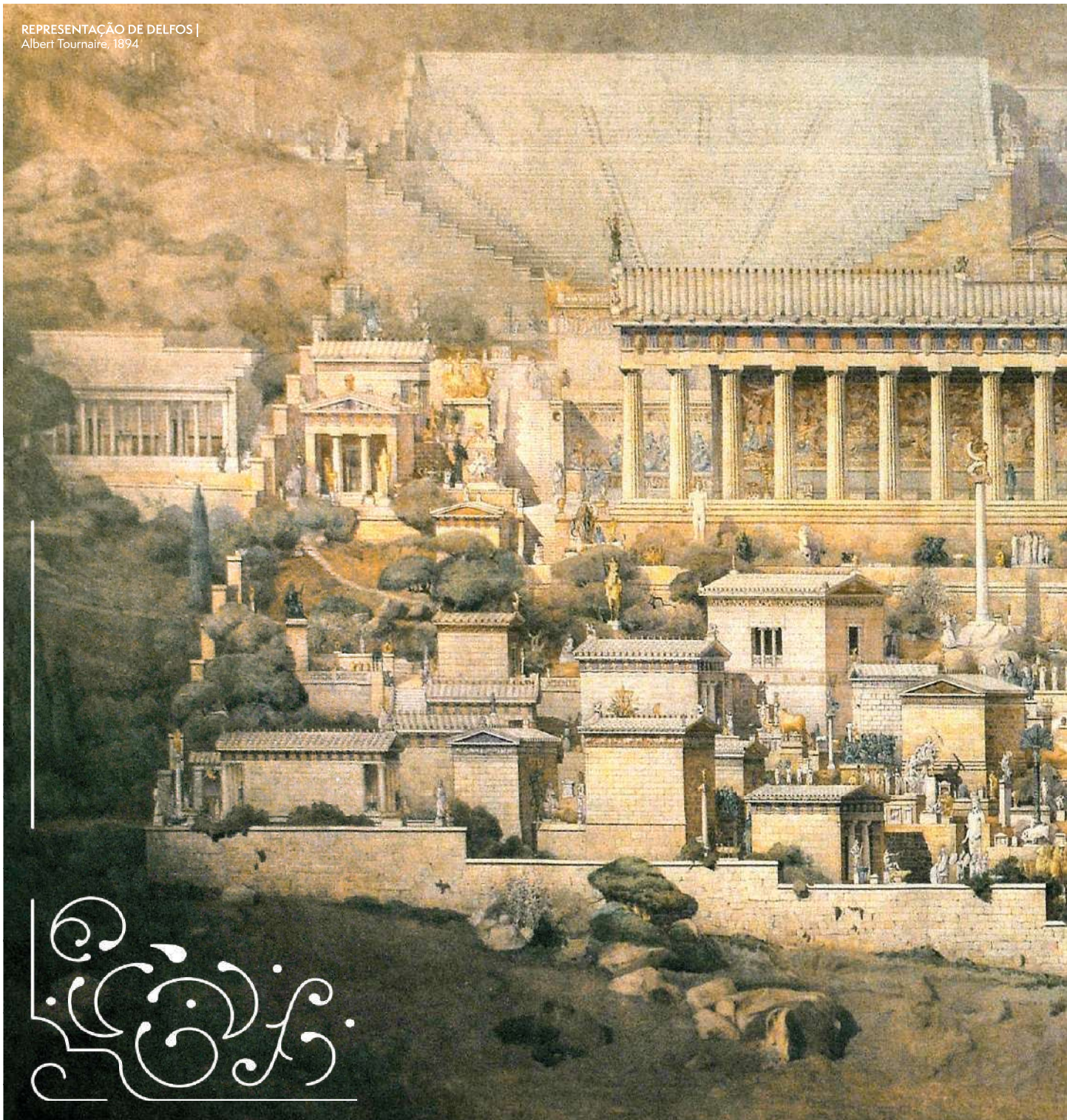
“Termine a corrida sem recuar”

Uma das máximas délficas pode nos inspirar no encerramento deste artigo. Que possamos, inspirados pela Luz de Apolo, aprender a finalizar bem tudo aquilo que começamos.

Como dizem os sábios antigos, a energia daquilo que começa permanece até o fim. Portanto, terminar bem algo é dar dignidade àquilo que termina; é liberar essa vida para que, encerrado o ciclo de experiências, possa agora dirigir-se a outra forma, animar outra experiência, tocar outras almas.

Dentro do esporte, terminar a corrida ou a prova sem recuar fala exatamente disso. É uma voz profunda que está dentro da consciência de todo verdadeiro atleta: agora que você entrou nessa prova, que se dispôs ao combate, chegue até o fim com a mesma energia intrépida que o fez se lançar. Aguarde um pouco mais nos momentos mais difíceis e verá que, logo após a subida mais árdua, virá uma planície verdejante, com um vento suave a refrescar o rosto molhado de suor. Entretanto, corra sem esperar essa planície, assim como Arjuna precisou aprender a combater sem apego a matar ou morrer.

REPRESENTAÇÃO DE DELFOS |
Albert Tournaire, 1894



A Coluna DO TEMPLO

POR SOFIA BITTENCOURT

Erguer uma coluna é a si mesmo construir
Esse Homem, que entre a Terra e o Céu, sacrificado,
Sustenta, vigilante, o altar de Zeus, sagrado
Ao vencer a torpeza do solo e subir.

E no topo, avistando, a altura do que foi
Ante aos destroços, cinzas, de um grande tesouro
De uma história construída por braços de Heróis
De Platão, os Guardiões, que trazem em si o ouro

Construtores de Templos, cheios da antiga Fé,
Em Olímpia, onde está, uma coluna em pé
Viva, e eras após, despertando aos Atletas,
Que vibram, inspirados, por Deuses e Poetas

Talhando internamente esse eixo vertical
Transformando, co'o fogo, o nome do metal
De ferro a prata, prata ao ouro, ao que se manobra
Coluna imaterial, és Tu, divina obra

Almas guerreiras, cujo brasão porta um selo
Corajosas, verazes, sensíveis ao Belo
Co'a Ginástica e a Música, nas mãos do Mestre
Talham as pedras duras, qual artífice celeste

Ò Olímpia, Terra Madre, em tuas pedras sem idade
Jazem, velhas memórias, de um antigo Tempo
Jaz o fogo interior, que vem do Firmamento,
Da noite do Presente, é a Tocha da Verdade

Se todos somos Gregos, como um Poeta entoou,
Voltamos, hoje, à antiga, atual, e eterna Terra,
Mãe dos Povos vindouros, teu mistério encerra
As chaves do futuro, que Hércules, lançou

Receba-nos, Ó Olímpia, de Hera, acenda o Altar
Nas memórias das Pedras, despertem, teus ritos
Para acordar, nas almas, a força dos sonhos infinitos,
E que através de nós, ou de outros, irão, sim, se plasmar!

Colunas físicas, Ó Zeus, caem com o Tempo
Já colunas Humanas, ao alto, à eternidade
Reconstroem colunas, à posteridade
E resguardam o Fogo, do sabor do Vento

Apolo Retornou, à frente vai Niké
À levantar colunas do Templo Interior
O Santuário que guarda, o Entusiasmo e o Amor
Sem luta, não há mérito: Agon e Areté!



NA
NOVA ACRÓPOLE
ESCOLA DE FILOSOFIA



CURSO

ESPORTE para *Viver*

Experimente o esporte de uma maneira profunda e transformadora em uma **jornada de aprendizado.**



Disponível nas sedes de:

Lajeado, RS | **Copacabana, RJ** | **São José, SC** | **Paranaguá, PR**
(51) 99225.9163 (21) 96650.7447 (48) 99100.8008 (41) 99269.3991